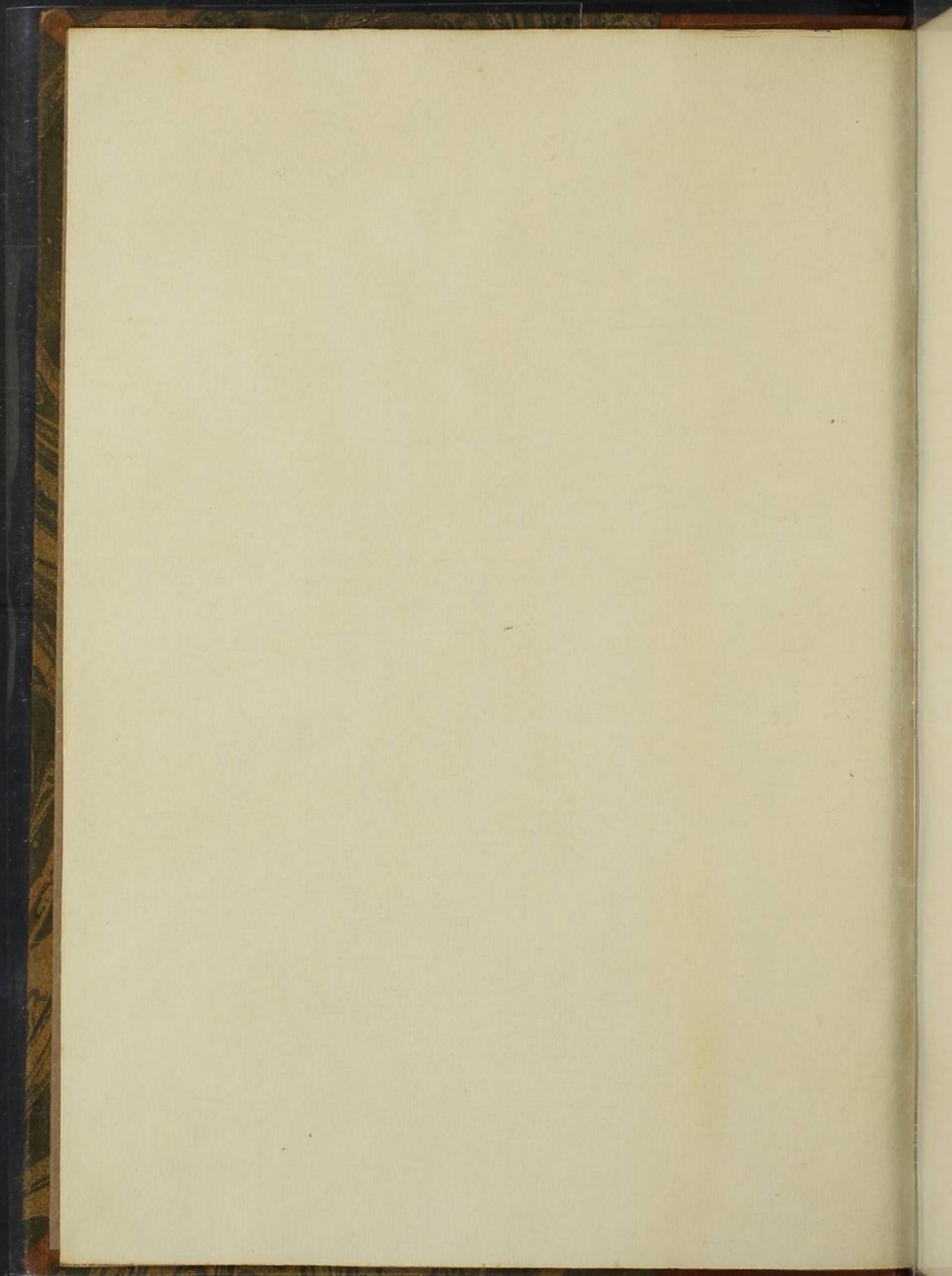
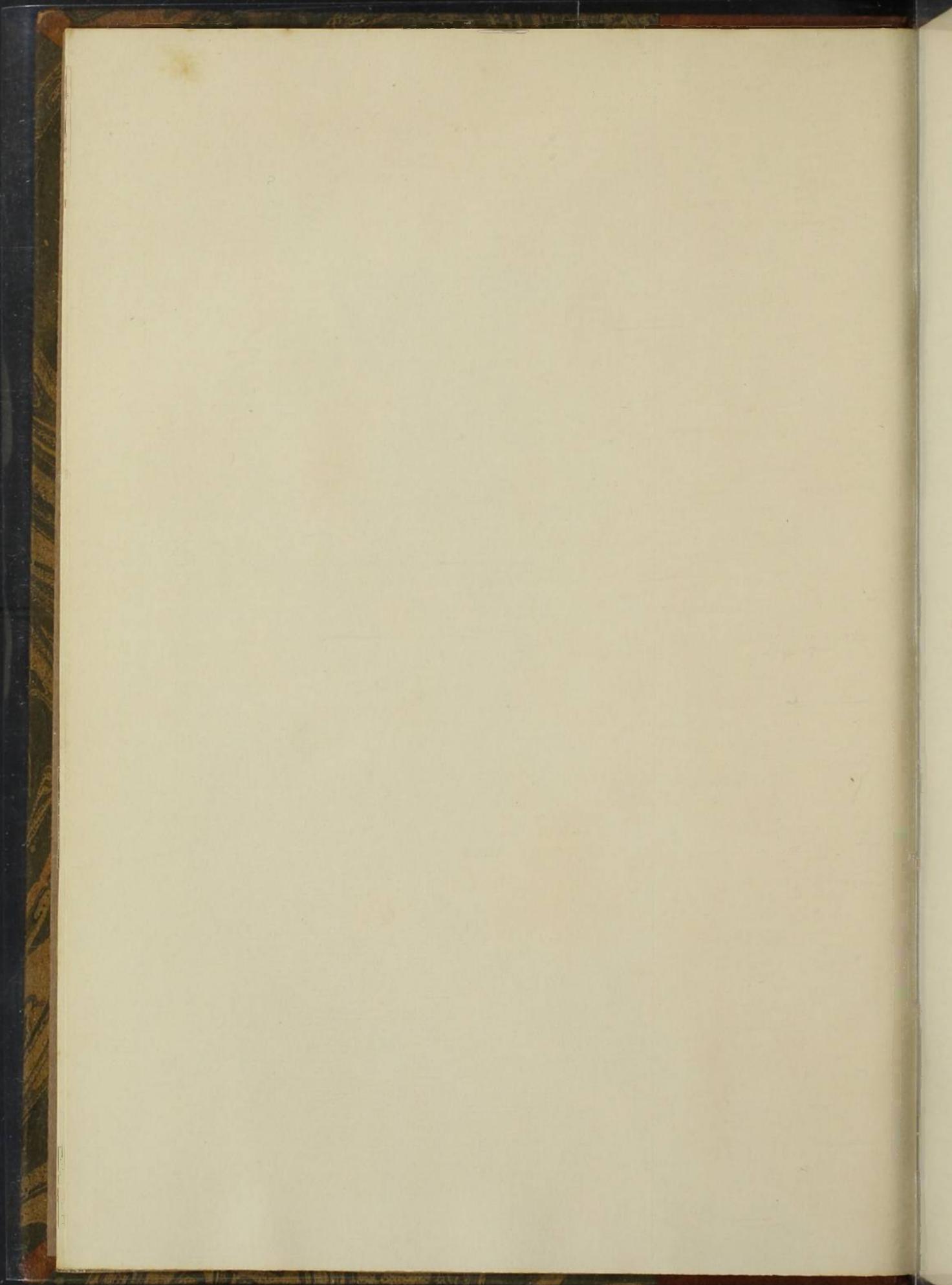


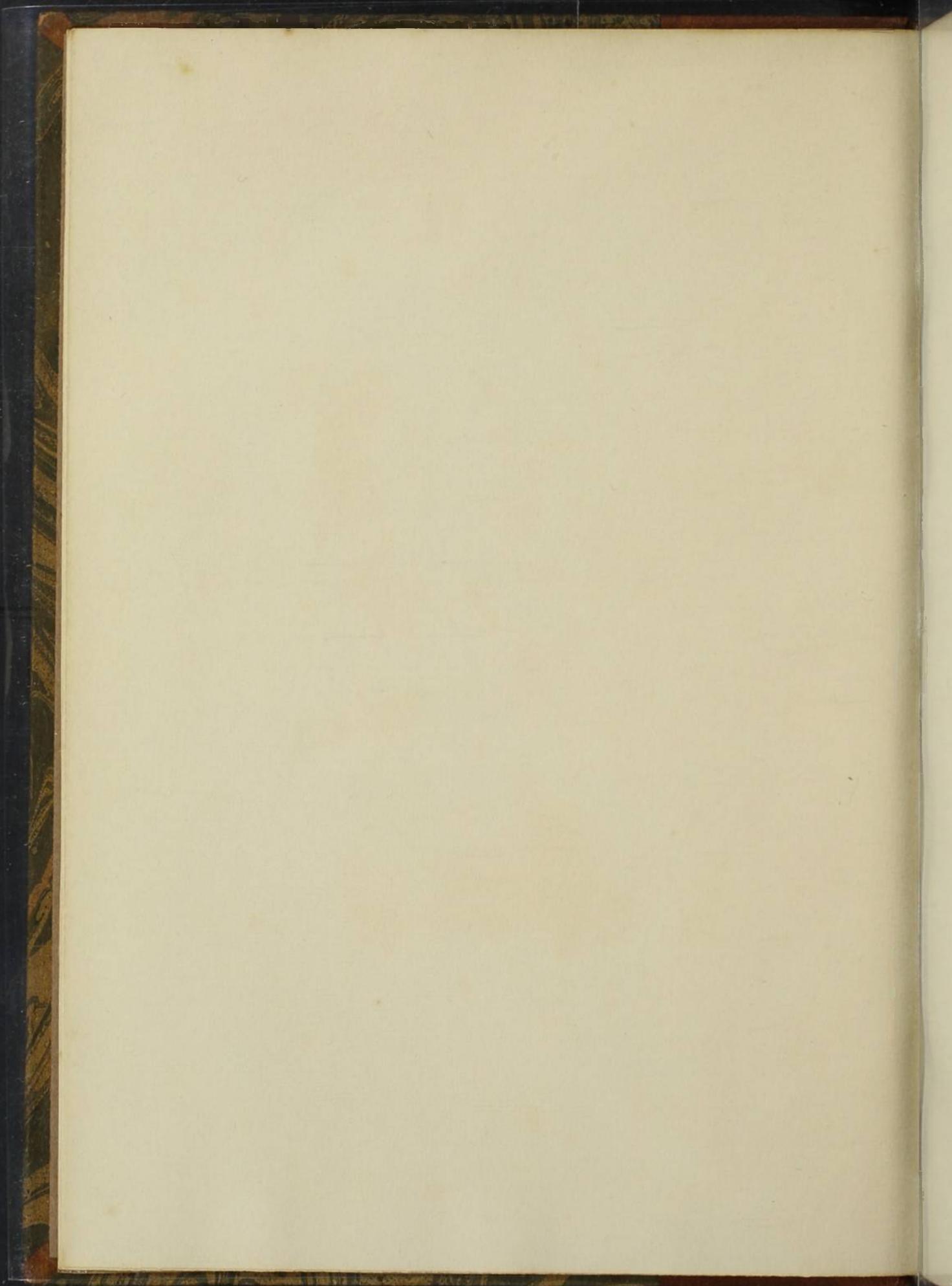
Je ne fay rien
sans
Gayeté

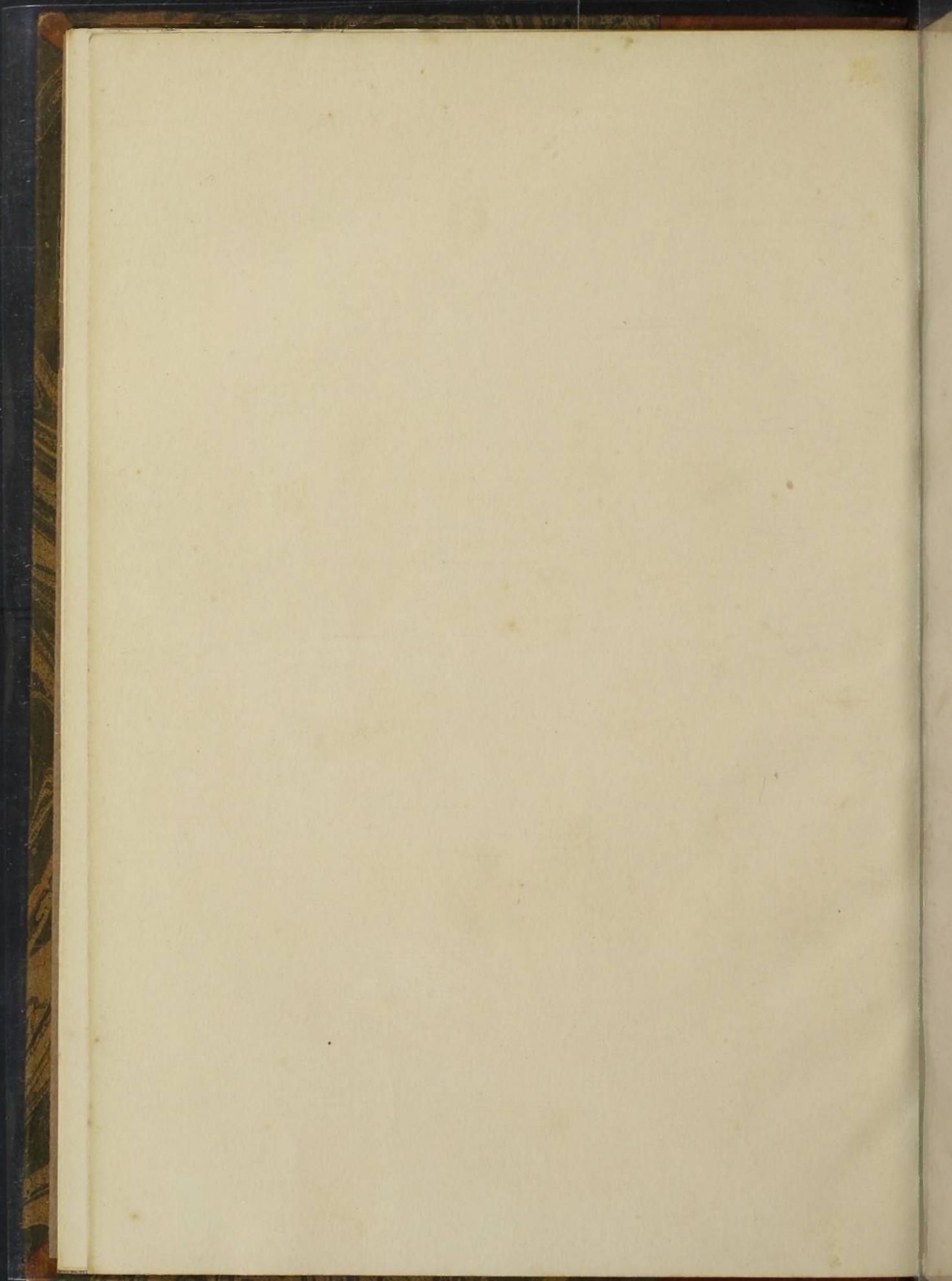
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin









BIBLIOTHECA BRAZILEIRA

(EMPRESA EDITORIAL)

N. 6—DEZEMBRO—1873

POESIAS

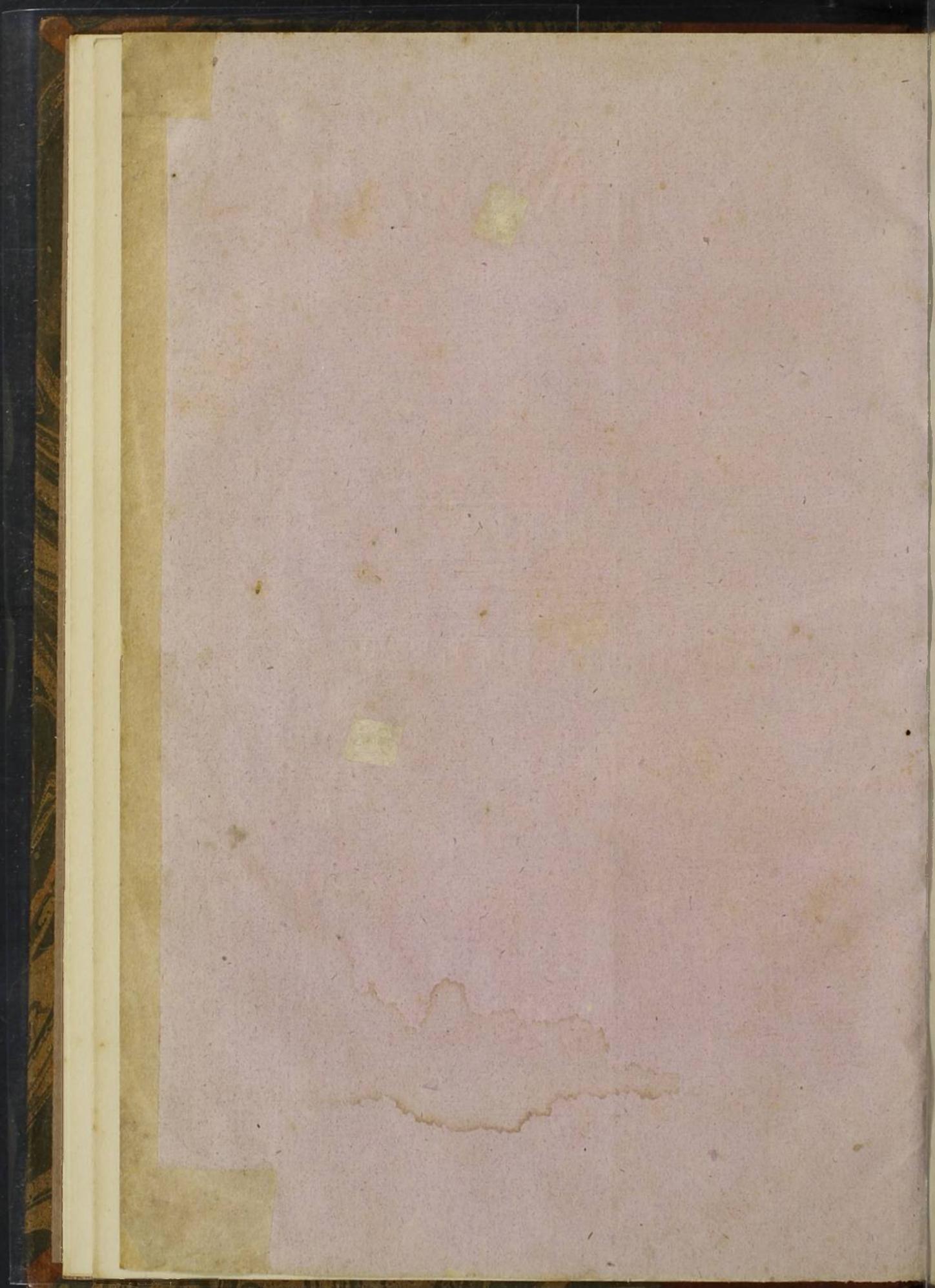
DE

PIMENTA DE LAET

RIO DE JANEIRO

Typographia—Academica—rua Sete de Setembro n. 71

1873



BIBLIOTHECA BRAZILEIRA

(EMPRESA EDITORIAL)

N. 6-DEZEMBRO-1873

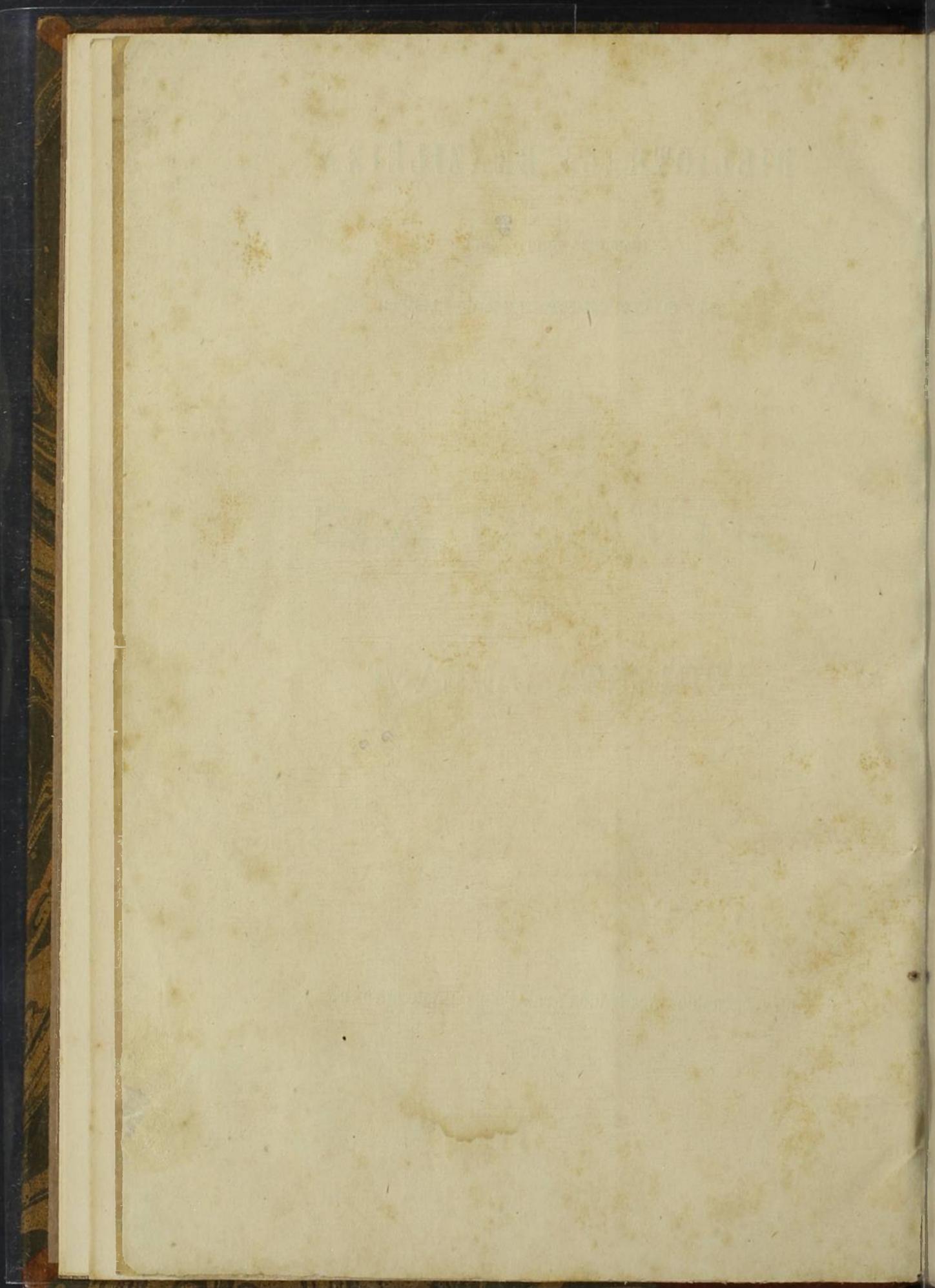
POESIAS

DE

PIMENTA DE LAET

Typographia—Academica—rua Sete de Setembro n. 71

—
1873



Lê

A's vezes bruxolêa o lampadario
na erguida cathedral :
e a luzinha, na ermida, dia e noite,
vigia — piedosa sentinella,
da fé vivo fanal.

Em magnifica estufa desabrocha
a camelia inodora :
mas o cacto silvestre e feio e rude
sacia de suavissimos aromas
os penedos que enflora.

Meu livro é como a luz da ermida pobre,
como a selvagem flôr.
Em outros acharás arte e belleza,
nelle a força vivaz d'uma só crença,
cantos de um só amor !

Ad Cæsarem

Amor e lealdade esta ousadia
Me dão: dá-me a razão, que tem tal força
Que inda que se não siga, não se nega.

(A. FERREIRA.)

O povo é o Oceano: em cada onda
vem, tributo de amor, um hymno á plaga;
ninguem pergunta á onda porque freme,
ninguem pôde impedir que o vento a traga:
vós sois a rocha que antepõe-se aos mares,
Senhor, e eu sou a vaga.

Os reis —como a criança— os olhos fecham
ao clarão do fuzil, e expõem-se ao raio...
O fuzil é o clamor que os povos soltam,
vem depois o perigo: conjurai-o!
Vosso povo, Senhor, sangra e agonisa:
é tempo, consolai-o!

Vós muito lhe deveis: Moysés brasileiro,
Vosso berço foi posto sobre o abysmo;
Thermutis nova, o povo brasileiro
roubou-vos ao fragor do cataclysmo,
e fez, aos pés do throno, de seus peitos
muralhas de civismo.

Vós muito lhe deveis ; do sul ao pleito
vossos barões mandarão seus escravos,
legião da morte, cidadãos do exílio.....
e a par delles marcharam vossos bravos ;
O povo não tem ouro, mas deu sangue,
vingou vossos ágravos.

No horror do fumo, ao lampejar do ferro,
onde a morte imminente, o exito vario,
vosso nome era o grito de combate
que arremecava á pugna o voluntario :
e na cova estrangeira se abraçaram
o escravo e o proletario.

E o bravo que cahio morreu contente,
pois saudava o arrebol da redempção :
quem voltou veio achar... incultos campos,
vazia a escola—e infrene, a multidão
que escreveu no seu labaro —motte iniquo—
fanatismo e oppressão!

Oppressão, que emmudece a voz das urnas
e contra o cidadão arma o soldado ;
fanatismo, que ateia odios já mortos
e calca aos pés o codice sagrado,
Beduino cruel que pisa o marmor
do templo derrocado !

Senhor ! a historia é o livro dos monarchas ;
vosso pai martyr foi da adversidade,
mas entre si e o povo poz um dia
a turba infensa á causa da verdade.....
Cabio : —quando cabio, tinha um amigo,
o heróe da liberdade !

Pois bem, Senhor! — o amigo da corôa
é o povo que a levou na vossa frente :
vossas mãos estão cheias de presentes,
beija-vos hoje quem ferio-vos honte' ;
Abyssinios, só têm palmas p'ra o astro
que fulge no horizonte.

O direito divino é uma utopia,
vão phantasma a razão rasgou-lhe os véos ;
a palmeira que ascende além das nuvens
tira seiva do solo e não dos céos....
Vosso poder, Senhor ! subio do povo,
não vos desce de Deos.

Senhor! é um bello sonho o da republica,
nobre a crença da sã democracia ;
mas um povo não vive de chimeras,
e enquanto a patria precisar de um guia
Deos vos conserve sobre o throno herdado
Deos salve a monarchia!

Sois bom — e o povo vendo em vossos labios
o sorriso que anima o desgraçado,
e em vossos paços acolher-se o orphão
e a viuva do obreiro e do soldado,
não quer ouvir a voz dos utopistas
e bem diz o passado.

Mas além — nos confins do vasto imperio
o vosso nome é um mytho que os assusta ;
vossos sátrapas, filhos da cabala,
sombra disforme d'uma estatua augusta,
têm sempre sobre a plebe ensanguentada
a manopla robusta.

E a plebe — essa espedaça-se em matilhas
no lodaçal de immundas eleições.....
E o recruta — caçado nas florestas,
marcha ao quartel coberto de grilhões....
Prantos da pobre mãe, queixas do misero,
Senhor, são maldições !

Deos vos proteja ! — O povo como os mares
vêm fremendo bater de encontro á plaga ;
a procella ennegrece o firmamento,
vós podeis impedir que o vento a traga...
Tenho medo, Senhor, da tempestade,
e gemo; — eu sou a vaga !

Apologos

(AO DR. LUIZ A. DO BOM-SUCCESSO.)

De toute fiction l'adroite fausseté
Ne tend qu' à faire aux yeux briller la vérité.

(BOILEAU.)

I

O VIAJANTE E O MAR

(Lido no Instituto dos Bachareis em letras.)

Incognito viajor contempla o Oceano ;
vê oscilando as naves alterosas.

— Quem vos trouxe ? pergunta ; quem vos leva ?

— Nós, respondem-lhe as vagas buliçosas.

Mais além, temerario, em fragil barca
ganha o pão sobre o abysmo um pescador.....

— Pescador ! quem te embala e te sustenta ?

— Eu ! responde o Oceano ao viajor.

Inda além, no horizonte, o viajante
vê nuvens carmezi, — vestes da aurora...

— Donde viestes, nuvens ? — Do Oceano :

fez-nos subir o sol que nos colora.

E o viajor então exclama ás vagas :
Salve, gigante, oh ! mar, rei da procella !
E's pujante, bem sei ; mas o segredo
desta indomita força me revela .

O mar fallou assim : O meu segredo
o varão forte sabe-lhe a importancia ;
eu luto e venço porque luto sempre,
o meu segredo chama-se a constancia .

Mancebos ! permitti que os louros caiam
sobre a fronte do athleta do progresso :
o mar que luta e vence nestas plagas
não preciso dizel-o, é o Bom-Successo !

II

O ESTUDANTE E O RELOGIO

Certo estudante querendo
demorar o tempo edaz,
com medo de ir para a escola,
deu co' o ponteiro p'ra traz .

Sectarios do despotismo
que o sec'lo quereis peiar,
prégais debalde ; — d'outr'ora
não póde o tempo voltar .

III

A FLOR DA PODRIDÃO

N'um campo esteril pedrento
sepultura um burro achou;
sobre o asinino sepulchro
rubra papoula brotou.

Notando as côres vivazes
com meus botões disse então:
Quanta gala, quanto orgulho,
nasce assim da podridão!

Andrade Neves

Ein Gott bist du dem Volke worden.

(SCHILLER.)

Abriu-se o Pantheon, fechou-se um tumulo :
da eternidade nos humbraes terrificos
sumio-se o heróe da homérica campanha...
Juntem-lhe á cr'óa um goivo—á flôr do Empyreo
a palma vicejante do martyrio
penado em terra estranha.

E chove o ferro nessa plaga inhospita ;
a agua despenha-se em cachões indomitos,
e o cranco estala ao refferer dos sóes...
Patria de monstros gera a febre torrida,
que habita o tremedal,— serpente horrida,
que farta-se de heróes.

Tirai-lhe o gladio, que do pulso valido
pende-lhe inerte,—e marcial reliquia,
si a phalange ceder, prestes mostrai-o !
E ha de seguil-o o exercito brasileiro :
si o relampago os céos rasga rutilo,
cahe logo atrás o raio...

Ao soar do clarim, da pugna ao fremito,
fervida turba nos sinetes rapidos
ha de acclamal-o a frente do esquadrão ;
ha de invocal-o a intrepida milicia,
si é que desce dos céos alma propicia,
talvez não chame em vão!

Abrindo ao vento a chlamyde funerea
hão de vêl-o passar, phantasma gelido,
vulto gigante em pallido corcel :
vôa nas azas do bulcão belligero
e a morte, e o temporal, e o espanto aligero
perseguem-n'o em tropel...

Mas quando o echo repetisse o estrepito
do fuzil derradeiro, a fila pavida
vira as pompas passar d'um funeral ;
genuflexa ante o feretro da gloria,
ella bradára ao genio da victoria :
« Adeos, meu general! »

Porque chorais? Vedeta tão solícito
jamais nouvestes: elle parte exanime,
cede seu posto, vai dormir tambem...
Some-se á tarde o sol, nos mares prostra-se,
mas d'aurora ao rubor eil-o que mostra-se,
e ovante surge além.

O roble augusto que se alteia impavido
só cede ao choque da scentelha fulgida :
Deos o ferio, só Deos! — foi justo assim...
Si devêra matal-o ou bala ou gladio
fôra-lhe a vida um pelejar no estadio
sem descançar, sem fim!

Vós que partis p'ra os campos de extermínio
e ides orar na lage funeraria
que encadeia ao heróe na plaga vil,
vós o vereis nas horas do mysterio,
firmado á espada, a olhar no cemiterio
p'ra as bandas do Brazil...

Si lhe virdes pender da humida palpebra,
transumpto de saudades, — uma lagrima,
colhei-a, antes que a leve a viração!
dativa santa — o povo que idolatre-a...
Levai-lhe em troca as lagrimas da patria,
os prantos da nação!

Ave Hispania

(AO DR. EDUARDO A. DE LIMA BARROS)

.....et ces cris : guerre, guerre
S'élevaient du fond des tombeaux.

(CASIMIR DELAVIGNE.)

Sempre, sempre a lutar, vencida sempre
e prompta a renascer, Antheo pujante,
anjo mão do tyranno — a liberdade !
Chamão-n'a de impia...—Embuste! é Deos que a manda;
dizem n'a injusta.— E' o raio, a tempestade,
si derroca o penhasco, o ar vivifica....
Quando um throno baqueia, ergue-se um povo,
respira a humanidade.

Era já muito: a patria de Pelaio
sentio polluto, alfombra ao regio alcaçar,
o indomavel pendão da independencia;
as sombras dos herócs, c'os torvos olhos
vendo firmada a lei da prepotencia,
no pó do tumulto as fronte confundiram,
maldizendo sua obra, e o throno infausto
padrão da violencia.

E as espadas fulgentes que mil vezes
aos vãos do Gaulez puzeram poas,
limpam no escuro o ultrage secular.....
Rompem-se as campas, e a phalange funebre
busca sombria as terras do seu lar....
Algidas vestes, lividas feridas.....
« A's armas, brada, é tempo! A Hespanha soffre
«nós vimos batalhar!»

Vaga nas trevas a legião dos tumulo....
Saragoça renasce d'entre as cinzas,
renova-se a visão de Ezechiel;
dizem Sevilla e Baylen como um dia
soube o povo de Hespanha ser fiel,
e a paga que lhe deram.... Mas silencio!
insultais a um proscripto.... Está viuvo
o solio de Izabel!

Cadix altiva, baluarte extremo,
ninho que abrigas a aguia perseguida,
ultimo asylo do valor hispano,
tu appellaste —e só!— para o futuro,
quebraste o encanto d'um prestigio insano;
e a liberdade veio — não das serras,
não se era livre já sobre as montanhas;
mas veio do Oceano!

Outr'ora o povo —escravo redemido—
anhehava a vingança, ai! dos vencidos!
o capricho e o furor faziam leis.....
Hoje o povo perdôa: hosanna ao seculo!
Rainha d'hontem, brada, o que quereis?
nosso pacto está roto; —eis-nos libertos!
a filha dos Bourbons não tem mais servos,
a Hespanha não tem reis!

Nobre nação, banhada sempre em sangue !....
Deos do Evange manda-nos o seculo
da paz, do amor da crença e da verdade....
Mas enquanto não chega o dia augusto,
arrebol destructor da iniquidade,
guerra aos tyrannos onde quer que 'stejam
Deos salve a liberdade !

Eu te saúdo, oh ! terra dos prodigios !
Viste o crescente alçado na mesquita,
e o reduziste ao culto do Deos vivo ;
do Attila corso repulsando as hostes
quebraste a sanha do Francez altivo....
Ave, patria de heróes ! vive liberta ;
quando em teu solo campear um despota,
o mundo está captivo.

A arte

(A H. A. DE MESQUITA)

Na immensidão do espaço vagueia immenso archanjo ;
sidereo diadema a fronte ennastra ao anjo ;
seu nome poucos sabem — seus vôos não têm fim.
Um dia a deosa errante, edenica, infinita,
pedia apotheose, fallava de Mesquita
da terra aos quatro ventos, — e então dizia assim :

« Eu venho do Oriente : surgi nas velhas éras
em que o mundo se enchia de crenças e chimeras ;
de um sorriso ou de um pranto nasci como Eloá.
Ergui meus priscos hymnos ao Deos vero e fatidico
nas aras do Pelasgo, no carvalhal druidico,
nos fragedos d'Erin, nos templos de Jeovah !

« Como Mazeppa em fuga nos matagaes da Ukrania,
voei dos céos de Italia ás brumas da Germania....
e um sulco luminoso meus passos perseguio.
Diante do meu gesto fugia a nevoa escura ;
e quando o meu olhar baixou á terra impura,
em frente de Rossini um Meyerbeer surgio.

« Deixei da velha Europa os povos pensadores ;
através do Oceano soubei louros melhores ;
impavida atirei-me ao pelago de azul.....
E vim achar de pé, gigantes, nas Americas,
grandes como os herões das creações homericas,
o povo-rei do norte e o povo-rei do sul !

« Nas terras do Brazil pousei os pés um dia ;
no olvido de si mesmo o artista alli dormia :
collei-lhe á fronte os labios — desperta elle a sorrir !
Soprei-lhe a inspiração que vivifica o mundo :
do nada ergue-se um vulto, campeia o *Vagabundo*,
e assoberbando os tempos faz sombra no porvir !

« Oh ! terra mãe da gloria, da modestia, do genio !
teu artista eil-o ahi — e no inelyto proscenio
a festejar teu filho, os seculos concita !
Em teu livro de honra, logar abre a dous nomes,
e em frente dessa folha sagrada a Carlos Gomes
transmitem Eternidade o nome de Mesquita. »

.
.
.
.
.

O anjo que assim falla, Senhor, chama-se a Arte :
tu a conheces bem — e a vês em toda a parte
pedindo-te uma idéa, trazendo em troca um som.
Da terra aos quatro ventos teu nome foi disperso :
ave, triumphador ! — e accita o pobre verso,
flór que te cahe aos pés subindo ao Pantheon !

15 de Fevereiro de 1871.

Beijo

La bocca mi bacció tutto tremante.

(DANTE.)

Um beijo é o mais bello epilogo
para uns amores romanticos...
Lê o cantico dos canticos!...
que de beijinhos lá vão!...
Que muito, pois, si o poeta
trememente um pedido arrisca?
Não queiras ser mais arisca
que a esposa de Salomão!

Vendo a pallida Francesca,
no livro do immortal Dante,
por um beijo delirante
dar a vida e a salvação,
maldiz o beijo da carne
severo, asperrimo sabio...
Não vê que entre labio e labio
as duas almas estão.

No barro do paraiso
Deos pôz os labios de fogo:
a argilla fez-se homem logo,
fez-se idéa e coração.
Que muito, pois, que eu procure
a vida nos labios teus?
A vida é um beijo de Deos
na frente da criação!

O binomio de Newton

Numeri regunt mundum.

(PYTHAGORAS.)

Magos e sylphos, gnomos, genios, fadas,
vosso reino passou ; fugis á luz
que espargio Guttemberg.... Volta crestou-vos
as edenicas azas ; mares, céos,
Gusmão, Montgolfier, Fulton tomou-vos :
ferio-vos o progresso, e o prisco sceptro
a sciencia roubou-vos !

Um dia—um sec'lo foi ; p'ra Deos foi nada—
conturbou-se o universo: Deos fallava....
E disse ao erro : «Pára !» — ao sabio «avança !»
volveu-se á humanidade e disse: « Pensa !
« deixa teus brincos, ancião—criança..... »
Rasga-se um véo, e a razão calma um throno
sobre os orbes descança.

Bacon derroca os fustes do Lycéo ;
Descartes pensador Platão supera ;
esvaem-se as abusões do mysticismo....
Em frente a Homero, o gerador de deuses
Hugo campeia e arvora o realismo ;
Gallileu move a terra, e logo Kepler
Dá leis ao proprio abysmo !

Mas quem fez Herschell obrigar Urano ?
Quem com Lavoisier pesava os atomos ?
Quem marca a róta á nave já defessa ?
Quem mostra a curva ao lucido planeta ?
Quem diz á noite—vem—, e ao dia —cessa— ?
Quem clama ao som—Não vás mais adiante—
E á luz — Não mais depressa ?

E's tu, sciencia augusta, que voaste
da Arabia adusta á patria de Pelaio,
filha de Céber, arte do infallivel,
tu que dobras o esp'rito sem forçal-o,
tu que o infinito abarcas e o impossivel,
e que insculpes no vulto de uma letra
A idéa imperecivel !

Um dia—o dia foi do erro vencido—
chama a sciencia á arena do combate
e escreve $(x + a) \dots$ Não continúa ;
dá dous traços iguaes, acima um m ;
e á rival, que contempla e que recua,
vingativo proclama :— « Eis meu problema,
« resolve, e a palma é tua ! »

E eis que estaca a sciencia Aqui—mysterio !—
luta embalde a razão e após se torna.
Tal na Dedalea fabrica illudia
ao cretense infeliz a árdida traça ;
assim de Thebas na funesta via
propunha a Sphinge o enigma ao transeunte,
e ninguem respondia ! . . .

E ninguém responde ! — Oh ! razão fraca,
miserá escrava, que em lodoso carcer
adormeces sonhando a immensidade,
não descreias!... — do craneo dos eleitos
brota a luz que dirige a humanidade !
Tu caminhas — e o genio te precede
c'o o facho da verdade.

Eis surge Newton, Newton que no Empyreo
roubára ao sol a facha do arco-iris;
ponderosas razões, outras subtis,
longo tempo medita... a luz crescia !
Alça a dextra por fim, burila um x....
Que epinício ! foi breve, mas o sabio
ao mundo inda o rediz !

Si no cruor fumante de cem touros
o philosopho italico banhára
de hypotherusa o ingente theorema,
ah ! que sangue bastára que pagasse
a solução do asperrimo problema,
d'aurea c'rôa que — oh ! Newton — já cingiste
rutílea, immortal gemma !

Filha do céo, tu, luz que te arreiaste
co' o septemplice raio do seu prismo :
orbes que elle medio co' o seu compasso ;
pai da harmonia, som, que após teus vôos
sentiste o sabio a mensurar-te o passo ;
dizei Newton quem era ; — e que o repita
o mundo, o tempo, o espaço !

Mas não... Newton não vive; a fronte augusta,
que as leis traçou que concatena os astros,
curvou-se á lei, a que n'nguem se exime.....
não lhe insculpais na lapida o elogio
que contenta a vaidade e exalta o crime;
gravaí na lousa a formula gigante....
Epitaphio sublime !

Rio, 15 de Julho de 1869.

O cego

Les yeux étaient fermés comme si la paupière
N'eût plus cherché qu'en Dieu, le ciel et la lumière

(LAMARTINE.)

Eil-o o mendigo, o cego! — no adro solitario
da igreja campezina descanso alúm buscou :
envolve-o a sombra santa do erguido campanario,
protege-o a cruz do Christo—que aos pobres abraçou.

Soltas as cans de neve, curvada a humilde fronte,
seu corpo está vergado — seus olhos luz não têm ;
mas Deos rasgou-lhe a venda d'um vivido horizonte
que ao crente se mostra, que os impios nunca vêem.

A briza, mais bondosa que os homens que o desprezam,
beija-lhe meiga a testa, fallando-lhe dos prados,
e as flôres da campina perfumes lhe revezam,
e o sol lhe aquece os membros trementes, regelados.

Pousa-lhe aos pés defessos a salva mendicante,
entre os joelhos tremulos o rustico bastão :
se o passo perto escuta do raro viajante,
de Christo o nome invoca e estende a magra mão.

Tu mesmo, oh ! cão errante, que todos repelliam
do pobre um dia ao lado asylo achaste emfim :
farejaste a miseria, — gemeste onde gemiam,
Deos une taes fraquezas e as fortalece assim.

Anjo preposto á guarda do cego que alli sonha
dirige um louro infante ao tropego ancião :
assim no mesmo arbusto Deos une a flôr risonha
e o fructo emmurhecido, que pende e busca o chão.

Ente que d'outros mundos só pelo cego descas,
desdobra as azas brancas, despe os andrajos teus :
tu contas nossos ob'los, — tu medes nossas preces,
tu pedes para o cego — e a esmola é para Deos !

Vós outros que passais, piedade para o pobre,
deixai cahir na salva a esmola d'um vintem :
dessa moeda inutil de vil e impuro cobre
fazeis degráo p'ra o céu, que é donde as benções vêm.

A esmola d'uma reza, a esmola de um sorriso,
a esmola d'um affecto, que estanca o pranto e os ais !
Não espereis que o cego se vá p'ra o Paraiso,
vós sois que dais a esmola — mas sois quem lucra mais.

.

E' tarde ! é muito tarde ! — nas horas de mysterio
O cego abandonado busca patria melhor :
e o cão deitado agora no pó do cemiterio
aguarda inda a caricia do velho bemfeitor.

Perdido entre os sepulchros, calcando as lages lisas,
criança, que procuras da lua á baça luz ?
Anjo ! regressa á patria — do cego o corpo pisa...
mas onde está sua alma te aponta aquella cruz !

Desengano

De que innumerous soes a meufe ufana
A existencia fallaz me não doirava !

(BOCAGE.)

Atirei-me sedento de verdade
à sciencia do exacto e do infinito ;
escravo fui do imperioso grito
que minha alma soltou na escuridade .

Desengano cruel ! fatalidade !
no tremendo arcial, solo maldito,
passei vida de errante e de proscripto
e o perfume perdi da mocidade !

Pedi a luz — e dão-me um labyrintho
onde exhausto se embrenha o entendimento
e reina a sombra que envolver-me sinto .

Deos, responde, soccorre ao desalento ;
si a verdade aqui 'stá, si acaso minto,
tira-me então, p'ra vêl-a, o sentimento !

Escola Central, 19 de Setembro de 1870.

Epicedio

(A FAUSTINO XAVIER DE NOVAES)

Para o vicio punir, erguer o merito,
co' o riso prevenir futuras dôres,
nas mãos da sat'ra o genio incende o facho,
phanal do bem, terror dos peccadores.

Roma cahio ; do viageiro as plantas
pizam sem ver o marmor que foi Roma ;
mas sobre os restos desse mundo em cinzas
de Juvenal, de Persio o vulto assoma.

Quando a França a seus pés calcava a gloria
surgio Méry co' o genio da vingança....
A satyra fallou : Paris moveu-se ;
a Nemósis cantou ; moveu-se a França !

Na patria de Camões e de Bocage
d'onde o genio é banido, onde é infeliz,
Novaes foi réo—mas réo só do infortunio,
e o seu crime cessou : ora é juiz.

Juiz da seita p'ra quem ouro é tudo,
juiz da turba p'ra quem genio é nada,
juiz do sec'lo que se curva á cr: pula
co' os laureis da virtude engrinaldada!

Vós que o vistes co'o riso á flôr dos labios,
vós que o vistes chorando dentro d'alma,
o heróe sabio d'arena— eia! apressai-vos,
Sêde os primeiros a offertar-lhe a palma!

Antecipai o aresto do futuro,
buscai no pranto salutar conforto,
d'esta plaga de irmãos alçai um brado
que diga a Lysia que seu filho é morto.

Nunca é cedo de mais p'ra erguer o genio,
não espereis pela serodia idade:
antes que o corpo se lhe torne em cinzas
concedei-lhe os laureis da eternidade....

Sobre a lage da campa onde p'ra sempre
dormem com elle os seus pezares fundos,
gravai sómente esta modesta lettra
que o assignale ao pranto de dous mundos:

• Este o vicio odiou: puni-o rindo;
mas amava tambem, e amou chorando!
Lega ao Brazil a argilla de seu corpo,
e a Portugal um nome venerando!

Ingrata patria

(OSORIO, ABREU E LIMA)

On dirait que le ciel aux cœurs plus magnanimes
Mesures plus de maux.

(LAMARTINE, *Médit. Poétiques*)

Heróes ! sois como as sombras das montanhas :
si o sol declina, cresceis mais no val ;
si o bulcão vò, topetais co' o raio,
vai-vos bem o martyrio — dom fatal !
Sobre o Christo a morrer e' róa de espinhos
assentava melhor que a d'ouro e per'las
na fronte imperial !

Heróes ! sois como os robles da floresta,
pontes da terra aos céos, na immensidade :
a parasyta e o verme que vos matam
dão-vos a quèda, que esmagal-os ha de....
A inveja só conhece o vosso preço,
quando vos vê gigantes sob o tumulo
á luz da eternidade !

Heróes ! sois os Titans do velho Homero....
Subis aos céos : — o raio ha de cair !
Loucos sublimes, viveis só de crenças,
saudais a um sol, que acaba de fulgir...
Caminhais ao revés da humanidade :
ella marcha, olhos fitos no passado,
vós olhais para o porvir !

Heróes ! sois o Ashaverus do progresso :
cada passo que dais vence um millenio.
E o tempo, e o espaço, e a humanidade e a gloria,
eis os comparsas do inelyto proscenio !
Mas não volteis a frente... Ah ! si a volvesseis,
vireis a patria que repelle os filhos,
homicida do genio !

Almas de bronze, espiritos athletas,
buscais a gloria e caminhais tão sós !
Clamastes por justiça : — hoje ella dorme,
só responden-vos do deserto a voz....
Ave, romeiros, filhos da esperanza !
Si é que nossa alma é cópia do infinito,
sois mais Deos do que nós !

.

São dous : colossos eneos n'uma base,
astros de fogo em firmamento azul.
Quem és, guerreiro ? quem marcou-te a frente ?
— O ferro, o fogo, os vendavaes do sul....
Foge, oh ! valente, e occulta as cicatrizes :
é muito baixo o jugo, adito impuro
da cadeira curul.

Não ha logar p' ti no Areopago :
vôa ás fileiras, teu logar é lá....
Tu és Fabricio ; Roma cede aos Brennos,
nega á virtude o que á insolencia dá.
E que balança sopesara o gladio,
ponte de ferro ás legiões indomitas
lançada ao Paraná !

Genio da gloria, estende as tuas azas,
vôa do norte ao sul sobre o tufão :
verás o povo todos genuflexos,
por toda a parte a esplendida ovação....
Tu lhe perguntarás : O que me queres ?
e elle dirá : Remir ante teus olhos
a nossa ingratição !

E tu quem és, phantasma que divagas
da lage em torno, que teu corpo encerra ?
Foste mais infeliz : — seguio-te ao tumulo
rancor tão máo que a campa o não aterra.
Manchou-te o berço o sangue do patibulo ;
morto, não tens no solo que eternaste,
sete palmos de terra !

Fanatismo cruel fechou-te a lousa,
mas Deos abrio-te o céu — pai justo e bom ;
não escutaste, é certo, no ataúde
do ultimo canto o funerario som ;
mas em resposta aos brados de teus emulos,
ouviste a voz dos sec'los que dizia :
« Abri-lhe o Pantheon ! »

ilencio ! campeões da intolerancia !
A morte é o limiar d'um grande arcano
hoje peccastes mais que os transviados
filhos do erro, apóstolos do engano !
Assim ao transeunte mal ferido
servio melhor que o escrupulo pharisaico
o amor do publicano

Vós, homens de amanhã, erguei-yos todos !
Banni do peito a inveja, o odio impuro :
sede arautos d'aurora em plena noite,
vós reinareis n'um tempo mais seguro . . .
Um canto, um hymno ás victimas da idéa,
aos proscriptos da lei serão bemvidos,
são germens do futuro !

Rio, Junho de 1869.

Lamartine

A' plena luz d'um sec'lo de prodigios
mostrou-se um vulto — e o vulto era o do genio ;
servio-lhe a França de inelyto proscenio,
a Europa ergueu-se e o recebeu de pé.
E os povos, sequiosos de futuro,
viram ligadas n'um consorcio santo
a intelligencia e a fê.

Quem és, nuncio celeste de harmonias
que este oceano revolto calar fazes ?
que outro Evangelho á humanidade trazes,
que crenças deste cháos vão resurgir ?
A humanidade é um lodaçal sanguento
sobre que se balança, alvo phantasma,
a nevoa do porvir !

Tu vens da região do amor e do extase,
mystico vate, — e envolve-te a caligem !
Pode colher-te a funebre vertigem,
anjo perdido a proclamar no abysmo.....
O talento é um punhal vendido aos despotas,
a liberdade — é senha de assassinos,
sciencia — é scepticismo !

Assim bradava ao rei da poesia
a França augusta, a França redemida,
mas a França —inda mal!— tan bem descrida
na embriaguez do orgulho que delira....
Mas enxugando as lagrimas da patria
e aos céos erguendo os olhos, o poeta
mostrou-lhe a sua lyra!

Silencio ! vêde-o alli! — Christão poeta,
Isaias moderno, o labio ungingdo.....
Ergueu-se — e o mundo absorto o vio sorrindo
em muda prece se abraçar co'a cruz!
Depois, quando o universo sorprendido
volveu-se ao genio — o genio campeava
rodeado de luz!

Cresceu ; aos céos d'azul collou a fronte,
poz as plantas n'um solo livre e bello,
o universo quedou n'um doce anhelo,
e ouviu-se ao longe do poeta a voz.....
Assim cantar devera o anjo custodio
das plagas do Eden, ao romper d'aurora,
co' a natureza a sós!...

E o que cantava? — As glorias do passado,
os doces gozos do campestre asylo,
os castos risos d'um viver tranquillo,
os tristes prantos dos amores seos.....
Acima — presidindo ás harmonias
como uma cruz que exorna o altar florido —
uma idéa, a de Deos!

Descança, alma de bardo ! — agora crê-se,
correste o 'stadie que te foi prefixo :
a liberdade beija o crucifixo,
a sciencia, serena, abraça a fé.....
Um passo mais — e a historia te proclama ;
si além da campa assoma a eternidade,
a morte nada é.

O lago

(TRADUÇÃO DE LAMARTINE)

Assim sempre atirados a incognitas paragens,
levados de uma vez á noite eterna e fria,
no pelago dos tempos jámais nos será licito
ancorar um só dia ?

Oh! lago, o anno apenas findára o gyro breve
e junto destas vagas onde ella era esperada,
vê bem! venho sózinho sentar-me nesta pedra
onde a viste assentada !

Então assim bramias sob estas penhas fundas :
assim tu lhes batias os flancos escarpados ;
assim das tuas ondas lançava o vento a espuma
aos seus pés adorados.

Não lembras-te ? uma noite, vogavamos silentes :
do mar aos céos, ao longe, ouvia-se sómente
dos remos que tombavam nas aguas sonoras
o estrepito cadente.

Mas de repente os echos da plaga embevecida
desperta amigo canto, incognito aos mortaes :
calou-se a vaga attenta, e a voz que me é tão cara
soltou palavras faes :

« Tempo ! suspende o vôo ! — e vós, propicias horas,
detende o curso iroso !
deixai que nós gozemos das rapidas delicias
do dia mais formoso !

« Bastantes infelizes no mundo vos imploram ;
correi p'ra elles sós ;
tomai co' os dias delles as dôres que os consomem,
esquecci-vos de nós !

« Mas ai ! de balde peço alguns momentos inda ;
o tempo escapa e corre ;
eu digo á noite em vão : Demora-te, e eis que a aurora
se apressa — e a noite morre.

« Amemos, pois, gozemos ; nest' hora fugitiva
depressa, eia, vivamos !
O homem não tem porto, o tempo não tem margens ;
corre elle e nós passamos ! »

Será possível, pois, oh ! tempo, que os momentos
que a tragos tão longos bebemos a ventura,
p'ra longe de nós fujam precipites taes como
os dias de tristura !

Passado, eternidade, terrificos abysmos,
o que fazeis dos dias sem fim que devorais ?
Dizei : virão de novo os extases sublimes
que nos arrebatáis ?

Oh ! lago, oh ! mudas rochas, oh ! gruta, escusas selvas,
vós a quem Deos concede a eterna mocidade,
guardai daquella noite, oh ! bella natureza,
ao menos a saudade !

'Steja ella em teu repouso, oh ! lago, e nas procellas,
e em teus risonhos collós, em tuas brutas fragoas,
e nestes pinhaes negros, e nas rochas pendentes
por sobre as tuas aguas !

1e

Perdure ella na brisa que estremece e que passa,
nos sons que tu repetes aos echos d'amplidão,
e no astro argenti-fronte que alveja a tua face
com seu frouxo clarão !

E que o vento que geme, a canna que suspira,
os perfumes ligeiros que as auras te deixaram,
que tudo o que se vê, e se ouve e se respira,
repita : Elles se amaram !

22 de Abril de 1871.

Lembras-te

(Ao DR. H. J. DO CARMO NETTO)

Lembras-te, Henrique, do tempo
em que eu folgava contigo ?
Bom tempo foi esse antigo,
sem cuidados do porvir !
Henrique, porque não fomos
eternamente meninos ?
Que é feito dos desatinos
que nos faziam sorrir ?

Onde quer que nos levasse
nossa errante phantasia
a travessura, a alegria
eram presentes de Deus.....
Hoje — esse riso espontaneo,
que brotava a cada instante,
não vejo no teu semblante,
tu não vês nos labios meus !

Si par a par caminhamos
ao ruido de uma festa,
tua fronte pende mesta,
tu te recordas de alguém !
E eu si me atiro ao tumulto,
á luta, á febre, á vaidade,
pallido espectro a saudade
lá me acompanha tambem.

Nossos destinos são gemeos,
entre nós não ha segredo :
a ti, trahio-te o teu medo,
teus mysterios, teus queixumes....
E tu — aos echos malditos
de uma blasphemia perdida,
me disseste : alma descrida,
o teu delirio é ciume !

Porém tu, — tens a esperanza !
Penhor de ventura eterna
poupa-te a angustia do inferno,
tu já não pôdes descrer !
Eu, como o Christo isolado
no seu horto de agonias,
das nuvens de além sombrias
não vejo um anjo descer.

Ella — é p'ra ti como a lenda
d'uma santa, anjo custodio
que te salva, amor sem odio,
porvir sem nevoas, sem véo :
p'ra mim é n'orla do barathro
a fé presa ao scepticismo,
todas as iras do abysmo
matando os gozos do céo.

Desherdado da fortuna
reparas o injusto esbulho :
mas eu, demonio do orgulho,
não mereço a compaixão.....

Tu redemiste e' o pranto
o crime da tua origem,
e o meu castigo é a vertigem
que me leva á perdição!
Eu só sei dizer-te: Espera!

Tu só me dizes: Esquece!
Na tua idéa ha uma prece
que já na minha não ha....
Esquecer! — tentei um dia,
mas a desgraça arrastou-me,
na frente um signal gravou-me
que jámais se apagará!

Oh! inda somos creanças!
outra loucura começa:
tu vives d'uma promessa,
eu do olhar d'uma mulher....
Quando essa luz apagar-se,
quando ella me fôr roubada,
minha alma está condemnada,
será o que Deos quizer!

Lembras-te, Henrique — foi hontem!
que idéa triste e funesta
a que tivemos na festa
vendo a noite e vendo o mar....
Henrique, porque seremos
eternamente meninos?
Mas os nossos desatinos
de agora — fazem chorar!...

Moço e pobre

(NO ALBUM DO MEU AMIGO J. P. DA SILVA MAIA)

Yo non soy mas que un poeta,
Sin otro bien que mi lira.

(ZORRILLA.)

Moço e pobre ! — na fronte o diadema
da intelligencia ; incognita harmonia
sôa-lhe n'alma ; e a fronte empallidece
e o canto d'alma é um canto de agonia !

Sorriem-lhe illusões, sobram-lhe crenças,
esperança e amor, duplo thesouro !
más ás portas do Eden brada o inferno :
Nada tens, nada és . . . falta-te o ouro !

Ouro ! — tem-n'o a avezinha quando prende
a ventura nas palhas do seu ninho ?
e aquellá Dextra que semeia os orbes
negou jamais asylo' ao passarinho ?

Oh ! malditos sejais, filhos de um seculo
que a ambição, a avidez torpes consomem !
Quem viver entre vós, raça de abutres,
cria garras por fim, não mais é homem . . .

Vendeis tudo : poder roubado aos povos,
gloria filha das noites de vigilia,
palmas do genio, louros da virtude,
beijos da virgem, gozos da familia !

Moço e pobre ! quem és ? — Proscripto errante !
Qual foi teu crime — Só de amor sou réo !
O que te punge ? — Tenho sede de ouro,
por fugir do paul, comprar o céu....

Moço e pobre ! si o virdes nessas ruas,
misero, roto, abatido — descobri-vos !
E' um credor de vinganças e de ultrages,
é um cadaver que passa e affronta os vivos.

Oh ! como és louca, amiga do poeta,
virgem que te sorris p'ra o moço pobre !
Por véo de noiva aguardam-te os andrajos,
com que a pobreza a hediondez encobre !

Si o banido de amor bater-te ás portas
não n'ó escutes, — fecha o coração :
quando o precito á noite erra na estrada,
cerrem-se as nuvens, cresce a escuridão.

Saudar n'um riso um hymno de venturas,
pedir á natureza a paz, a calma,
amar sem odios e rezar sem prantos,
ir buscar n'outro corpo um resto d'alma :

santas venturas ! fez-vos Deus p'ra os ricos
e no entanto alguém mais vos merecia.....
Eis porque muita frente empallidece,
e muito canto é um canto de agonia !

Mont'Alverne

Quando ullum invenient parem ?

(HORAT.)

Palmas já murchas que os passados évos
como heranças de glórias confiavam
do presente á phalange, e os annos sevos
no seu vertice infrene arrebatavam ;
tristes reflexos de um clarão, que intenso
no brasílio horizonte fulgurára :
sombra erradia de um gigante immenso,
que o raio fulminára ;

Taes os despojos que de um vulto ingente
destroçára no chão tempesta rude,
e o pranto as faces rorejava á gente
saudosa do passado ; — e a juventude
tinha nos labios um sorriso tardo.
mudo protesto de ironia vã,
qual se ouvisse fallar da Grecia ao bardo
nas lutas d'um Titan.

Mentis, oh mocidade ; oh não se interne
no vosso peito o fel do scepticismo :
elle vive entre vós — é Mont' Alverne.
Asim do pólo no brumoso abysmo,
onde o gelo é perpetuo e á noite fria,
não põe termo jámais ledó arrebol,
o mesquinho Lapão não crê no dia
por não ter visto o sol.

Elle vive entre vós -- ide, acordai-o,
mas primeiro sabei quanto é preciso
p'ra que nos olhos se lhe avive um raio,
p'ra que nos labios lhe alvoreça um riso...
Não lhe falleis nas pompas que despreza,
não lhe falleis na gloria que descrêu,
phantasma infenso que em seu peito pesa,
ludibrio que o perdeu.

Ide, mancebos, perguntai de tantos
quem dava á patria monumentos novos,
quem co' um só dito concitava os prantos,
quem co' um só gesto levantava os povos :
se deste genio os fastos perlustrareis,
votado ás trevas de um viver tão só,
Belizario Brasilio — o não deixareis
findar-se sobre o pó....

Ide infiltraí-vos nessas folhas santas,
dadas á patria, são de vós tambem....
são do pulpito a Iliada e são tantas
que ainda as não pôde recolher ninguem.
Ide, batei no portico sagrado
e entre esses monges para Deos só vivos
se algum virdes mais triste e descarnado,
é elle — descobri-vos.

Elle — o Homero christão — que um vil fadario
condemna ao limbo de um soffrer sem luz,
sombra apegada ás dobras do sudario,
que espera a morte sob os pés da cruz....

Oh, malditos aquelles que o saudaram,
que negaram-lhe após do esp'rito o pão,
e o lume santo s' extinguir deixaram
do cháos na escuridão.

Chegai-vos, mocidade.... A voz do homem
é ventura p'ra o cego abandonado :
não lhe falleis nas magoas que o consomem,
não lhe toqueis no peito mal sanado :
se quereis soerguer o velho cedro,
soberbo vencedor de tufões mil,
dous nomes murmurai — lembrai-lhe Pedro,
fallai-lhe no Brazil.

Eil-o altivo, de pé.... De pé, já quando
recebêra da morte o beijo frio,
e do verme da campa o mais nefando
já sentira na carne o insulto impio ;
que palma aquella que das mãos lhe pende ?
que luz s' espalha d' escondido cyrio ?
Curvai-vos ante a luz que o genio incende
e a palma do martyrio.

Não n'ó ampareis, mais não ! cego, impotente,
sem que vascille levará seus passos
ao grande templo — e saudará contente
quem, fraco infante, sopesou nos braços ;
eil-o os degrãos subindo distrahido
dessa cadeira de que fez um solio :
não lhe estendais a mão ! Cesar banido
conhece o Capitolio !

Cégo e velho, meu Deus!—e além, fremente,
pede á turba o prodigio promettido,
Bem como outr'ora o apóstolo descrente
duidando do Christo resurgido....
Todo um povo e elle só... Prodigio extranho!
Falla: — oh! dom divinal dos labios seus! —
o Brazil prosternado o creu tamanho
que acima só vio Deus!

Acima só vio Deus e um Deus que aterra,
e abaixo do monarcha a grande imagem,
prosternado tambem — o rei da terra
que da palavra ao rei dava homenagem:
e aos embates do genio trovejante
todos creram voltado o tempo antigo,
quando sobre o Sinai Jeovah pujante
fallava ao povo amigo....

Bem dita, oh! regia mão, que arrebataste
uma pagina mais ao pó do olvido
e da tribuna o Lazaro acordaste
no silencio do claustro adormecido;
tu que ao cego arrancaste do profundo
e o guiaste da gloria no proscenio,
galvanisando o velho moribundo
co' a scentelha do genio!

Suspende, athleta, teu triumpho é nobre,
tua c'róa de louros merecida,
e o Brazil não t'a dá; co' a offerta pobre
teme manchar-te a fronte encanecida...
Suspende, lutador: succumbe e vences,
vai, brada á geração p'ra quem sorrias:
— Eis-me aqui, vê-me e cré: nem mais me penses
um mytho d'harmonias!

Não, não convertas teu dizer em chammas,
não, não faças do pulpito um Thabor,
nem da palavra o carro que entre flammas
te arrebate p'ra o seio do Senhor,
tu, que a gloria encaraste de tão perto
que ella dos olhos exaurio-te a luz,
não nos queiras mostral-a — és vivo asserto
dos males que produz!

Desce da pyra que abrazou teus olhos,
rasga essa nevoa que te occulta o céu...
da flôr agreste que brotou d'abrolhos
frescas grinaldas o Brazil teceu,
bem que silvestre, vale mais que os louros,
talvez mais que outras mil teu nome eterno,
ella o arauto será que entre os vindouros
dirá de Mont' Alverne.

Calou-se, é findo o hymno — e a extrema endeixa
responde o estrondo das humanas vagas...
tal fulge o raio que sibila e deixa
temerosos trovões nas duras fragas,
calou-se, e os echos, que com dôr ouviram
o derradeiro som dos labios seus,
A's arcadas do templo repetiram:
— Guardai-o, vem de Deus!

E um dia o som cessou: — e o templo mudo
gala e pompas perdeu: — só d'agonia
um queixume, um suspiro, um brado, eis tudo...
Quão longa noite p'ra tão breve dia!
quão negra estrada p'ra uma cruz tão dura!
Assim brilha nos céos e foge logo
igneo globo, que a vista em vão procura
sobre um rasto de fogo...

Na festa

Fervia a festa em delirio
e a minha fronte pendeu :
passavas por meu martyrio
nos braços de outro — não eu!

Passavas como a avezinha
batida pelo tufão;
como a flôr que torvelinha
das aguas no turbilhão.

Onde teus pés se detinham,
brotavam sulcos de luz.....
teus olhos o brilho tinham
que a estrella d'alva produz.

Não viste que te seguia
supplicante e triste olhar ?
Um poema de agonia
não leste no meu scismar ?

Não viste que esvoaçava
minha esperança após ti ?
A valsa te arrebatava,
nada viste e tudo eu vi!

E eu fugi ! — maldita a festa
que minha alma entristeceu :
minha fronte ergueu-se mesta,
minha esperança morreu !

 **ninho**

Na folhagem verde escura
das laranjeiras em flôr
treme um ponto da espessura
oscilla a rama ao redor.....
Vêm sobre as azas d'aragem
fracos murmurios de amor,
E' um ninho na folhagem
das laranjeiras em flôr !

Pelo ambiente esvoaça
o aroma do bogarim....
E a phalena que além passa
suspirando diz assim :
« Quem me dera em noite escura
um ninho tambem p'ra mim,
cheio de amor, de quentura,
de aroma de bogarim ! »

Assim sou eu : — pobre insecto
em noite escura a vagar !
Caricias de teu affecto,
quando é que as hei de gozar ?
onde o ninho da espessura,
onde o conchego do lar ?
Sou filho da desventura
em noite escura a vagar !

18 de Janeiro de 1872.

Noivado

E elle avançou mais avante
E vio.... o leito fatal I

(GONSALVES DIAS.)

I

Linda noiva que caminhas
triste a fronte, os olhos baixos,
para o altar do Senhor,
que pensamento de morte
nas tuas faces em lirios
muda as rosas do pudor ?

Invejam-te as companheiras
os fios d'algentes perolas
e as rendas do branco véo;
ai! tambem de véo coberta
caminhava ao sacrificio
triste a filha de Jephteo !

Ao ver-te trajando as galas
da opulencia a turba pára,
contempla, sorri-se e passa....
E' que a turba nunca sabe
que os effeitos da riqueza
são a libré da desgraça !

Dize, oh ! virgem merencoria,
punge-te a alma o remorso,
doe-te no peito a saudade ?
choras as creanças perdidas
como os dias que tombaram
no golfão da eternidade ?

Passa, oh ! noiva pensativa !
na face aos lírios dos tumulos
junta as rosas do pudor :
e que o remorso e a saudade
não se ajoelhem contigo
junto ao altar do Senhor !

II

Porque tanta agonia, miserrimo poeta ?
porque juntar á prece o escarneo dos atheus,
porque vagar de noite, fallando á immensidade,
á selva, á brisa, ao ermo como se falla a Deus ?

Ao ver-te, a taes deshoras, o caminheiro tímido
apressa o tardo passo.... E' louco, diz comsigo :
Mal sabe o caminheiro que as dôres que enlouquecem
são como a cruz do Christo, martyrio e não castigo.

Teus moços companheiros vieram procurar-te,
e a multidão lasciva á orgia foi-se emfim.....
Mais vale esta tristeza que vela co' o infinito
bna estúpida alegria que dorme no festim.

Poeta desvairado ! remorde-te o ciume ?
lembra-te a meiga virgem dos sonhos teus d'outr'ora ?
Ah ! tua imagem triste alguem na frente della
ha de apagar co'um beijo antes que venha a aurora.

Passa, oh! poeta errante! que a pallida esperança
morrer faça em teus labios o esgarneo dos atheus:
contigo a fé caminha; quem falla á brisa, á noite,
á immensidade, ao ermo — tambem falla com Deus!

III

Nas azas da harmonia a walsa doudejava;
e elle vagava em torno, seguindo uma chimera....
Dentro, o remorso e o medo vagando entre os convivas,
cá fóra a dôr que mata, e a fé que regenera.

« Meu Deos! disse o poeta, o homem como o verme
vive sem saber como, nem morre quando quer.
Senhor, dá-me essas azas que tiras ao meu anjo,
que eu deixe de ser homem, quando ella fôr mulher! »

Calou-se a orchestra ha muito: as flôres emmurchecem,
as luzes agonisam e apagam-se por fim.....
E o anjo paranymphe, tremente de volupia,
conduz ao thoro a noiva exhausta do festim.

Mas antes que a grinalda cahisse aos pés de um homem
e a virgem pudibunda despisse o branco véo,
transida de torturas, lustrada pelo pranto,
a alma do poeta voára para o céo.

E quando a aurora veio, a brisa assim dizia
contando a extranha lenda ás nuvens da manhã:
« Homens de crenças firmes, fugi de amar devéras,
as juras das mulheres são cousa falsa e vã! »

O que eu quero

Non ebur neque aureum
mea renidet in domo lacunar.

(HORAT.)

Eu não quizera, oh ! virgem, que a opulencia
meus dias adornasse ; — aureos enfeites
as vestes me cobrissem ; — nem que a vida
passasse entre deleites :
nos principios modestos educado
do vate Venuzino,
do metal reluzente, pai dos crimes,
desprezo o vil destino.

Não me alvorota o baile inebriante
de cadimas donzellas attractivo,
nem das festas aos sons casára o vate
da lyra o canto esquivo ;
não me embriagam luzes, nem perfumes,
nem da orchestra o estridor,
nem voluveis amores que termina
d' aurora o primo albor.

de vistoso apparato rodeiado
de Lucullo o festim não me transporta :
corra embora o Xerez, Tokai, Champagne,
Joannisberg.... que me importa ?
sempre á mesa, — saude, ouro dispendam
gastronomos rivaes :
dar á fome exigente o parco vito
me basta — nada mais !

Das bugias á luz, no verde panno
invocar á fortuna, deusa cega,--
no espumante cavallo á turba applausos
pedir, que o sabio nega ;
trajar gala, habitar marmoreo paço,
dourados aposentos....
longe de mim taes gozos, taes triumphos,
vergonhas e tormentos !

Em modesta mansão, longe do mundo
ter-te commigo, oh ! virge idolatrada,
pousar nos teus joelhos minha fronte,
sombria, extenuada ;
beijar-te a testa eburnea, a rosea face,
e tu sem repellir-me....
sem que houvesse a desgraça de permeio
e o remorso a pungir-me ;

Vêr teu olhar por entre os cilios negros
coar-se livido ainda de ternura,
e arfar-te o seio, como as vagas mansas
ao sôpro da ventura ;
embora pobre, desprezado, — oh ! fôra
meu fado não mesquinho
Adeus, gloria ! adeus, mundo ! ampla delicia,
nós, noivos, n'um cantinho !

Paz

Peuples, formez une sainte alliance,
Et donnez-vous la main.

(BÉRANGER.)

O Evangelho é uma luz :—e a lei suprema
da humanidade é procurar a luz....
E inda as nações um dia em santo amplexo
hão de invocar o Christo aos pés da cruz !

Maldito seja aquelle que primeiro
tirar então do gladio ensanguentado !
Clama anathema o pranto da viuva,
pede vingança o sangue do soldado.

Mas hoje é muito cedo. Os povos ruem
ninguém sabe porque, ninguém seu norte ;
a liberdade compra-se com lagrimas,
o preço da verdade é luto e morte.

Bemdito, Senhor Deos, que não consentes
nas plagas de Colombo a escravidão.
Custou-te ver o Paraguay nos ferros
e do Brazil fizeste o campeão.

Nosso estandarte—o transformaste em lábaro,
phanal da gloria paga com martyrios ;
e para ornal-o um dia o teu Cruzeiro
baixou dos céos á terra entre delirios.

Teu olhar flammejou no nosso gladio,
trovejaram por ti nossos canhões ;
e a tua ira perpassou cõ' o verbo
que dizimava imigos batalhões.

Povo gigante, é findo o prélio immenso ;
a gloria é a luz do raio, a paz é o sol :
a tormenta que á noite estruge a mata
abre caminho ao nitido arrebol.

Patria, as armas depõe, retoma o arado,
ergue a penna, o buril que em terra jaz,
e que a voz do universo te proclame
— grande na guerra, esplendida na paz.

Pequenino !

(NO ALBUM DO MENINO ARTISTA ERNESTO A. DA COSTA E COUTO.)

Enfant, vous êtes l'aube et mon âme est la plaine,
qui des plus douces fleurs embaume son haleine
quand vous la respirez !

(VICTOR HUGO)

Tu has de ter ouvido dizer já muitas vezes
que os homens têm juízo, mais valem que o menino...
Não é verdade, não ! O pégo traíçoeiro
tem as aguas salobras, e o placido ribeiro
é manso e pequenino.

A aguia que se atira da alpestre serrania,
o condor que se aninha no erguido cerro andino,
têm a morte nas garras, a cubíça no seio ;
e o lépido canario, com seu doce gorgeio,
é bello, é pequenino.

Na base do penhasco que entesta co'a procella
scintilla entre as pedrinhas o aljofar diamantino...
O limo insultador carcome a penha egregia,
e o lucido cascalho adorna a c'rôa regia,
val muito — e é pequenino !

No concheço do lar terás ouvido as lendas
do livro que não morre — o Evangelho divino :
pois bem ! na synagoga, cercado de esplendores,
foi mais sabio que os mestres, excelso entre os doutores,
Jesus, o pequenino !

Na fronte humida ainda pelo materno beijo
o genio já deixou-te o sello peregrino !
Deus, protege a creança! Os dons da Providencia,
merece-os duas vezes : tem talento e innocencia,
é grande e pequenino !

O Pescador

E' noite ainda! a lua cheia entorna
liquida prata sobre as ondas cerulas;
parte já, pescador,—que vais em busca
das mais formosas perolas.

Deos inda não tirou do cofre undoso
a rubra aurora, celico rubim.....
Inda ha brumas no céu—rendas de gaze
no manto azul setim.

E o pescador partio!—na margem curva
ficou-lhe o coração.... Pallida alli
sua noiva dissera entre desmaios:
« Eu espero por ti!

« Volta depressa! traze-me a ventura
« de reinar na tua alma nobre e bôa..... »
« — Não esperes por mim! —volvia o triste—
« o mar nunca perdôa! »

E de pé no rochedo a pobre noiva,
debruçando-se afflicta sobre as fraguas,
co' os arquejos do peito acompanhava
o soluçar das aguas!

E ella assentou-se e disse á noite: « Desce!
« A' estrella d'alva: Achar-me-has aqui!
« vai teu caminho, pescador de perolas,
eu espero por ti! »

E as companheiras ledas que assim viam-n'a
diziam n'um sorriso mofador :

« Vale bem tanta espera e tanta magua,
« amar um pescador ! »

E elle veio afinal ! a vaga o trouxe....

Fulgia a lua em céos de azul-setim;

e em seu riso de morte elle dizia :

« Não esperes por mim ! »

Assim sou eu : enchi tua alma, oh ! virgem,

de promessas, de amor, de seducções.....

Frio cadaver, surgirei á tona

do mar das illusões !

Não esperes mais, não, por teu poeta :

a que plagas me leva o mar traidor ?

Não vale tanta espera e tanta angustia

amar um sonhador !

Porque ?

Sei bem que o astro bom da f'licidade
não luzirá jámais no meu futuro,
e a imagem della brilha nos meus versos,
como a estrella espelhada em charco impuro !
sei bem que o meu amor é como a planta
que no crescer vegeta e ninguem vê :
e insensato que sou ! — ainda espero !.....

Porque ?

Foge ! me disse um dia voz de amigo,
e o echo disse : Foge, desgraçado !
E eu caminhei ; diante do meu idolo
imolei meu orgulho e meu passado
Disse adeus ao prazer, — fugi da turba
que em minha angustia meu segredo lê,
fiz d'um sinar a luz da minha vida.....

Porque ?

Ao trabalho ! — bradaram-me ; e ao trabalho
arrojei-me co' a febre da loucura ;
e disse alguem que minha fronte ás vezes
luz despedia, que não mais fulgura.
Eu desejava um nome, a gloria, louros....
e hoje o poeta do porvir descrê !
Toda a minha ambição puz n'um sorriso...

Porque ?

Eu quizera morrer ! — triste, abatido,
talvez Deus a seus pés me desse abrigo;
e ella fôra feliz — seriam della
todas as preces do ceeste amigo !
Prantos de mãe, de irmã — e eu tenho-as ambas —
bastam na campa de quem soffre e crê.....
E no emtanto eu quizera os prantos della !

Porque ?

Retrato

Um perfil de Madona pensativa,
um modo entre caricias e esquivança,
Mão de boneca, pé de Cenerentola,
sorriso de creança;

voz de crystal ferido, olhos tão vivos
que ora são diamante, ora velludo,
nariz de estatua pequenino despota
que é mesmo rei de tudo;

na fronte algum pensar sublime e santo,
nos labios a bolir fino gracejo,
e um queixinho, armadilho da belleza
para apanhar um beijo:

seio de jurity, ninho mimoso
donde casta ternura se irradia,
alma feita de um riso de Cythera
e um pranto de Maria:

ella é assim! — não exagero, crede-me....
e Deos p'ra completar o meu tormento,
deu-me o pouco-juizo d'um poeta
e fez-me ciumento!

Roceira

Não gosto de modos tristonhos, esquivos,
faceiros, altivos, das moças daqui,
que coram, suspiram, si as olho de frente....
e ficam zangadas si a gente se ri !

Prefiro o rosto alegrinho
d'uma morena roliça
que o fogo de amor atixa
co' as risadinhas que dá :
que amiuda os solecismos,
na replica audaz, bulhenta,
e cada dia accrescenta
um recruta aos que tem já.

Não gosto das faces que vencem aos lyrios,
d'^{alvura} alma que os cyrios e os ^{mortos} matos só tem :
dão olhos ceruleos indicios de zelos,
e flavos cabellos. não gosto tambem.

Antes as faces de jambo,
côr da rosa, côr do peijo,
que se incendieia n' um beijo,
dado—até sem se pedir ;
uns cabellos côr da noite,
uns labios que em tudo fallam,
e uns olhos que nada calam
no seu continuo bolir.

Não amo as mãosinbas que a luva tortura,
detesto a cintura que o luxo enforcou....
Modistas! sumi-vos.... balão, que mais queres?
mostrai-vos mulheres quaes Deos vos formou!

Bem haja a filha dos campos!
que pés, que mãos, que cintura!
Nada se oppõe á natura,
tudo cresce como quer.....
Meu ideal, encontrei-te,
hei de casar com roceira,
posso ter mulher inteira,
não quero meia-mulher!

Saudação

A' MARIA SIEBS

Disse um dia o Brazil: Meu Deos quanta harmonia
ha nos céos sempre azues, nos campos sempre em flôr !
Perdidos entre as balsas se enredam sons celestes,
e a gruta, a veiga, o arbusto e o rio que me destes,
são canticos de amôr !

Meu Deos, prende estes sons, recolhe estas fragrancias
n'um vaso—alma de artista que falle á multidão :
traze-a p'ra o mundo d'arte, ao esplendido proscenio,
seja ella o Prometheu que vá das mãos do genio
roubar a inspiração.

E o prodigio se fez: vós todos o estais vendo....
Do fundo do infinito a prece Deos ouviu:
e soberba, de pé n' arena gigantesca,
sublime como a virgem da criação Dantesca,
a Siebs surgiu!

Artista! agora escuta.... Somos a mocidade;
a geração que passa, vaga de um mar escuro,
lega-nos a descrença, a angustia, o medo, o anceio...
porém, quando tu cantas, esvae-se esse receio,
nós cremos no futuro !

Arabe hospitaleiro, o Brazil abre a tenda
ao forasteiro— e abriga o crente e o torvo incréo ;
bemvindo é sempre o genio das plagas peregrinas :
d'onde quer que nos vem traz scentellas divinas
traz perfumes do céu !

Mas tu—tu és a filha da terra bem querida,
colosso de um só dia que aponta p'ra manhã !
São nossos inimigos os que não te comprehendem,
as flôres que te exornam do altar da patria pendem,
tu és a nossa irmã !

Saudade

Como correm vagarosas
as horas da soledade,
quando nos punge a saudade,
quando as crenças duvidosas
vacillam quasi a morrer...
Que estranho foi teu poder !
levaste os cantos de amor,
oh! virgem das harmonias,
e me deixas tristes dias
e noites de insomnia e dôr !

« Volto — dizias — e antes
« que a flôr caia aos cajueiros
« virão teus dias primeiros,
« tuas tardes delirantes.
« Flôr do baile — eu fujo á calma ;
« vou descansar junto á palma
« da lagôa côr de azul..... »
Parte ! vai, ave inconstante,
deixa-me a sós — sombra errante
sobre o lôdo do paul.....

Quando á luz do sol dourada
cresce a sombra gigantesca,
quando a nuvem pittoresca
veste a chlamyde encarnada,
quando n'alma entra a tristura
da sombra que se pendura
dos montes, quasi a descer:
— oh! que saudades profundas
dessas tardes vagabundas
que eu passava por te ver!

Oh! que saudades me esperam
dos teus sorrisos tão poucos,
santelmo dos sonhos loucos
que só teus olhares geram!
Ai! tua pallida imagem,
funesta e doce miragem,
virá commigo ao meu lar....
Assim na noite sombria
vê-se brilhar a ardentia
sobre os abysmos do mar.

Minha alma é a harpa quebrada,
onde o bafejo da aragem
tira um cantico selvagem
ou uma estrophe abandonada.
Hontem casava-se aos hymnos
dos teus accordes divinos,
via rasgar-se-lhe um véo;
bem dita, oh! filha do espaço,
tu me prendias co' o laço
que liga o poeta ao céu.

Amanhã — quem sabe ? — é a noite,
que tristonha se me antolha ;
minha flôr que se desfolha
do vento ao rábido açoite.
A tua ausencia de um dia
vale sec'los de agonia,
e em meio dos passos teus
si o niveo rosto volveras,
meu trem'lo olhar surprenderas
a mendigar-te um adeus !

Co' as visões de um cranco enfermo
tu me deixaste isolado :
sorri-te o campo enflorado,
e eu sou quem vive no ermo.
Tu voltarás santa e bella,
como depois da procella
fresca manhã do verão ;
e acharás na fronte minha
sulcos de mais, que eu não tinha
n'aquellas tardes de então

Lá—quando entre os cafesaes
ledas cigarras se calem,
e a medo as brizas te fallem
na coma dos palmeiracs :—
perdão p'ra o homem criança,
que viveu só de esperança
sem nunca ousar-t'ó dizer !
ai delle !—chora a ventura
dessas tardes de loucura,
felizes só por te ver !

Si eu fosse o teu gatinho !

The deep affections of the breast
That Heaven to living things imparts
Are not exclusively possessed
By human hearts.

(CAMPBELL.)

Transmutado n'um touro alcançou Jove
de Europa o amor lascivo,
de Venuza o poeta em ave cuida
mudar-se e o canta altivo ;
Leda o effeito sentio do tredo cysne
que no seio gentil trouxe amimado ;
Convertida em loureiro Daphne esquivava
cinge a fronte de Delio enamorado
Oh ! mil vezes feliz fôra meu fado,
e acabára a tristeza em que desfinho,
si eu pudesse deixar a humana fórma,
si eu fosse o teu gatinho.

Nunca em suja cozinha me verias
furtar o que alli ha ;
foram meus alimentos—fios d' ovos,
biscoutos, leite e chá
Do borrarho ao calor, que ao lasso corpo
dá no tempo de chuva algum conchego,

não me iria enxugar, em teu regaço
procurára agazalho e mais socego.
Desdenhára dos gatos mais roliços,
por fazer jus ao teu menor carinho:
um bichano exemplar fôra, eu te juro,
si eu fosse o teu gatinho!

Si as injurias de antigos avoengos
em mim vingasse um rato,
eu te ouvira dizer, de noite, á volta,
— Coitado do meu gato!

Si em felina aventura perseguido
eu fugisse com medo do telhado,
em arnica embebida a arranhadura
por teus dedos seria. — Oh! doce fado!
aparâras-me as barbas—e eu traria
o pello nedio e liso, alto o focinho....
Mais pichoso seria no meu trage,
si eu fosse o teu gatinho.

Em teu quarto, de noite, na penumbra
da escassa lamparina,
pela fresta da porta entrára ufano,
ventura de um rei dina!

Um olho sempre álferta, outro fechado,
rosnaria os meus versos mais risonhos:
triste do comondongo que viesse,
roendo a alfombra perturbar-te os sonhos!
E quando o somno os olhos te cerrasse,
eu dormira enroscado n'um cantinho;—
no amor, na discrição seria Amadis,
si eu fosse o teu gatinho!

Oh! ludibrio da sorte, quando injusta
 pre os homens e os gatos!
Sou poeta, sou moço—e invejo os gozos
 que engeita o papa-ratos!
Mas tu, fada gentil, tu que mudaste
co' um volver de teus olhos meu futuro,
sê bondosa uma vez—e cumpre um dia
do teu vate o anhelos ingenuo e puro....
E si não podes dar-me os verdes olhos
e as barbas senhoris do teu bichinho,
dá que eu viva a teus pés, como fizera
 si eu fosse o teu gatinho.

Um sonho

Soft hour! which wakes the wish and melts the heart
Of those who sail the seas.....

(BYRON.)

Foi um sonho e que sonho! — uma choupana
n'orla do bosque; preces e quicixumes
gemia o bronze, e a tarde esmorecia
e a briza desfazia-se em perfumes.

Cantava a patatiba a ultima 'strophe,
calava-se o riacho p'ra escutal-a :
crescia a noite e os céos mudavam lentos
os fogos do rubi na côr da opala.

E alli, perdida em meio do deserto,
a choupana, a familia, a crença, o lar,
a voz do campo p'ra fallar do Eterno,
e uma mulher na terra p'ra se amar.

Amor, pobreza! — A choça por palacio,
os céos por tecto, a relva como alfombra,
visão que surge no horizonte d'alma,
na hora da scisma, á vespertina sombra.

A' porta uma criança loura e bella,
ledo anginho roubado ao paraíso,
e ao lado della alguem que me esperava
me guardando de longe o seu sorriso.

Era ella mesma, — aquella fronte pura
onde eu ousava então depôr um beijo ;
aquelle rosto pensativo e meigo,
que ante meus olhos de continuo vejo !

E como o viajor, que um fardo opprime,
pede auxilio a quem passa — e alli descança,
eu partia este amor que hoje me aneia
entre o anjo-mulher e o anjo-criança.

Minha dextra eu prendia nas mãos suas,
e o meu olhar fallava — os labios não !
E ella sabia tudo o que eu calava
ouvindo palpitar-me o coração.

Tu, caminheiro que paraste ao vêr-nos,
que me invejavas ? porque olhaste assim ?
Foi um sonho, clarão nos limbos d'alma,
não foi feita a ventura para mim !

Foi um sonho, e que sonho ! — A natureza,
a familia, a virtude, a crença, o lar
Si o lethargo da campa tem taes sonhos,
eu nunca mais quizera despertar !

Tristeza

Farò come colui che piange e dice.

(DANTE.)

Tu dizes que uma nuvem d'incognita tristeza
a minha fronte ás vezes sombreia merencoria,
nem podem teus sorrisos, nem podem teus affectos
varrel-a da memoria.

Teus olhos compassivos e bons como o do Christo
entram no abysmo d'alma do pobre peccador :
raio de sol perdido — scintilla em minha noite,
e é tudo — o teu amor !

Não ha negar-te, não ! Eu sinto que esmoreço,
eu sinto que enlangucce meu triste coração :
o dia da ventura talvez já chegue tarde,
não ha negar-te, não !

Mas crê : mesmo nas horas mais negras da desgraça,
quando, blasphemo e injusto, sou mão para contigo,
nas horas do infortunio, nas horas d'agonia,
eu te amo, eu te bemdigo.

Mas ver-te bella e meiga como um sorriso d'anjo,
tocár-te os roseos dedos que esfolham-se nos meus,
beber as harmonias da tua voz, que passa
como um sôpro de Deus :

E deixar-te!.... E depois ficar a sós... com todos,
co' a duvida que fere, co' o mundo que sorri.....
Oh! não perguntes mais porque é que me entristeço,
é porque penso em ti!

E' porque penso em ti — e dóe-me vêr-te, oh! anjo,
rasgando as azas brancas nas urzes que me enlaçam,
rolinha demorada na beira do regato,
a vêr si as aguas passam.

E' porque dóe-me vêr-te, formosa peregrina,
por caminhar commigo ferindo os pés mimosos,
calcando a areia fulva, fitando no horizonte
oasis mentirosos.

A briza que descanta nas balsas enfloradas
das ramas do cypreste só tira um som feral;
assim é nosso amor: eu gemo e tu me trazes
perfumes do rosal.

A' Virgem das procellas o nauta ora mais crente,
em frente do Oceano, ao ronco do escarcéo;
e a prefuga andorinha, que timida esvoaça,
se atira para o céu.

Eu sou como esse nauta batido da tempesta,
sou como as andorinhas que expelle o vento sul;
tu és o meu refugio, tu és a minha santa,
tu és meu céu de azul!

E dizes que uma nuvem de incognita tristeza
paira no abysmo d'alma do pobre sonhador!
E' certo, mas perdôa — além daquella nuvem
refulge muito amor!

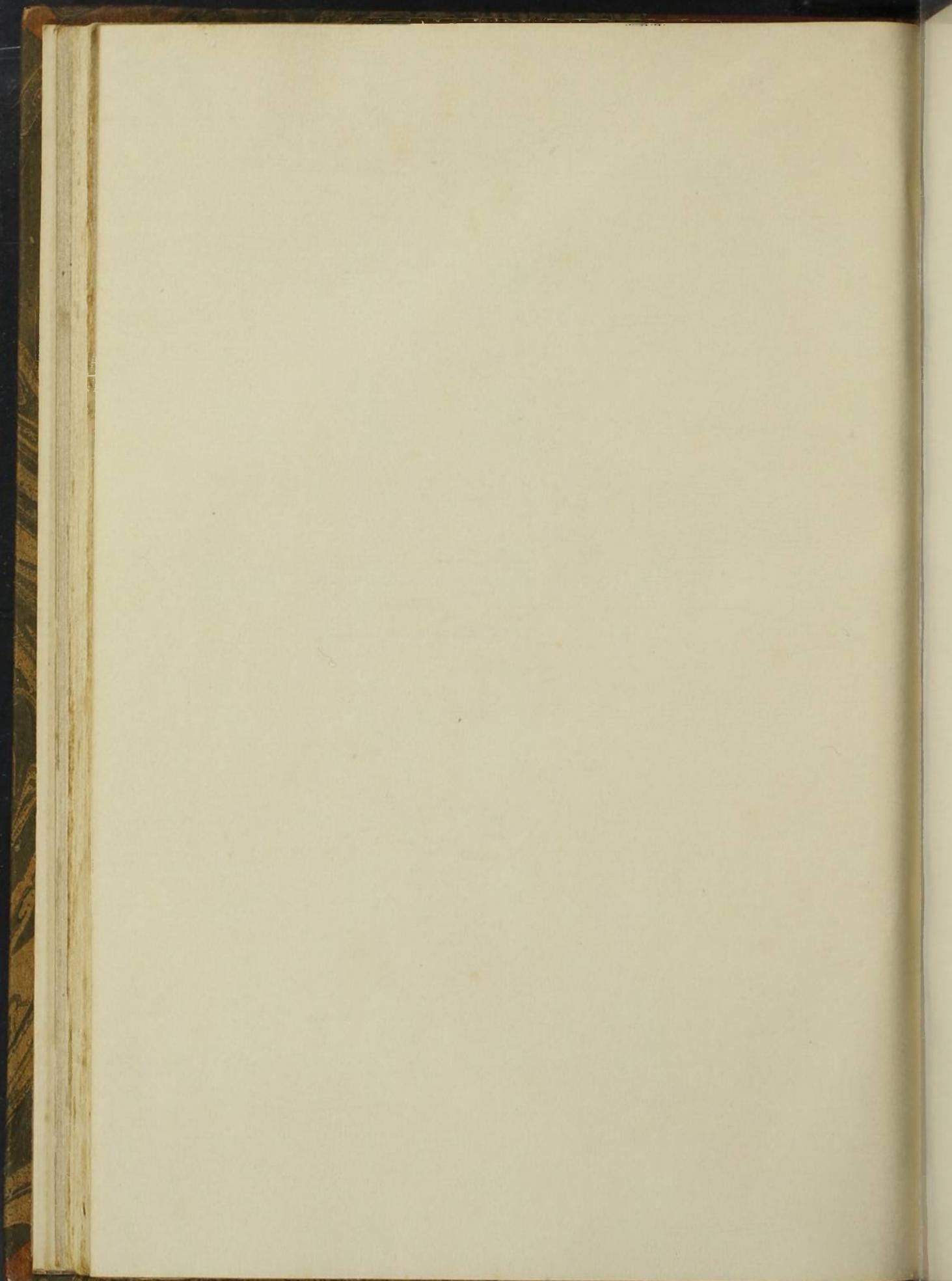
A BIBLIOTHECA BRAZILEIRA

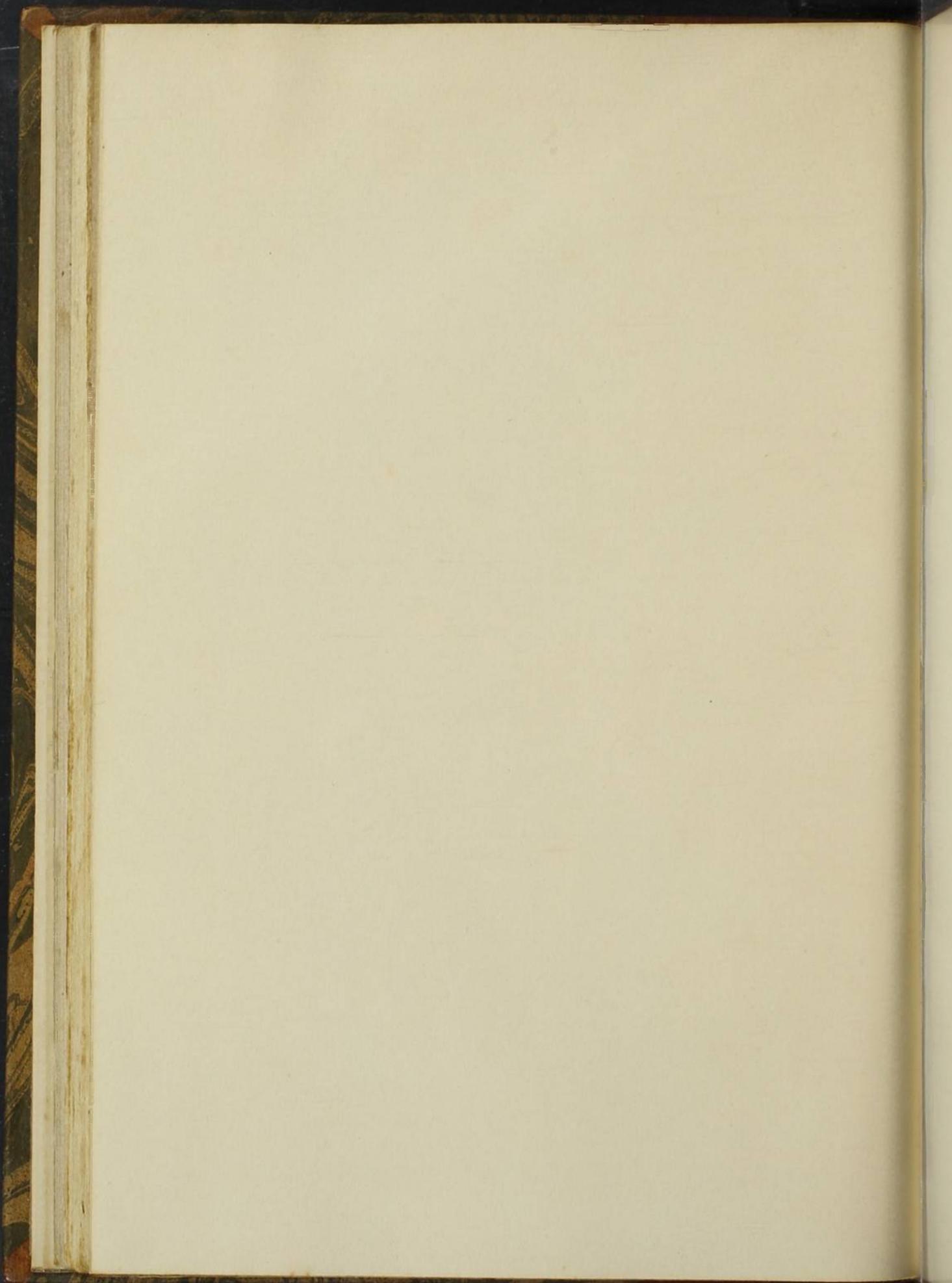
publicará mensalmente um volume nunca menor de 80 paginas,
contendo poesias, romances, contos, etc., etc.

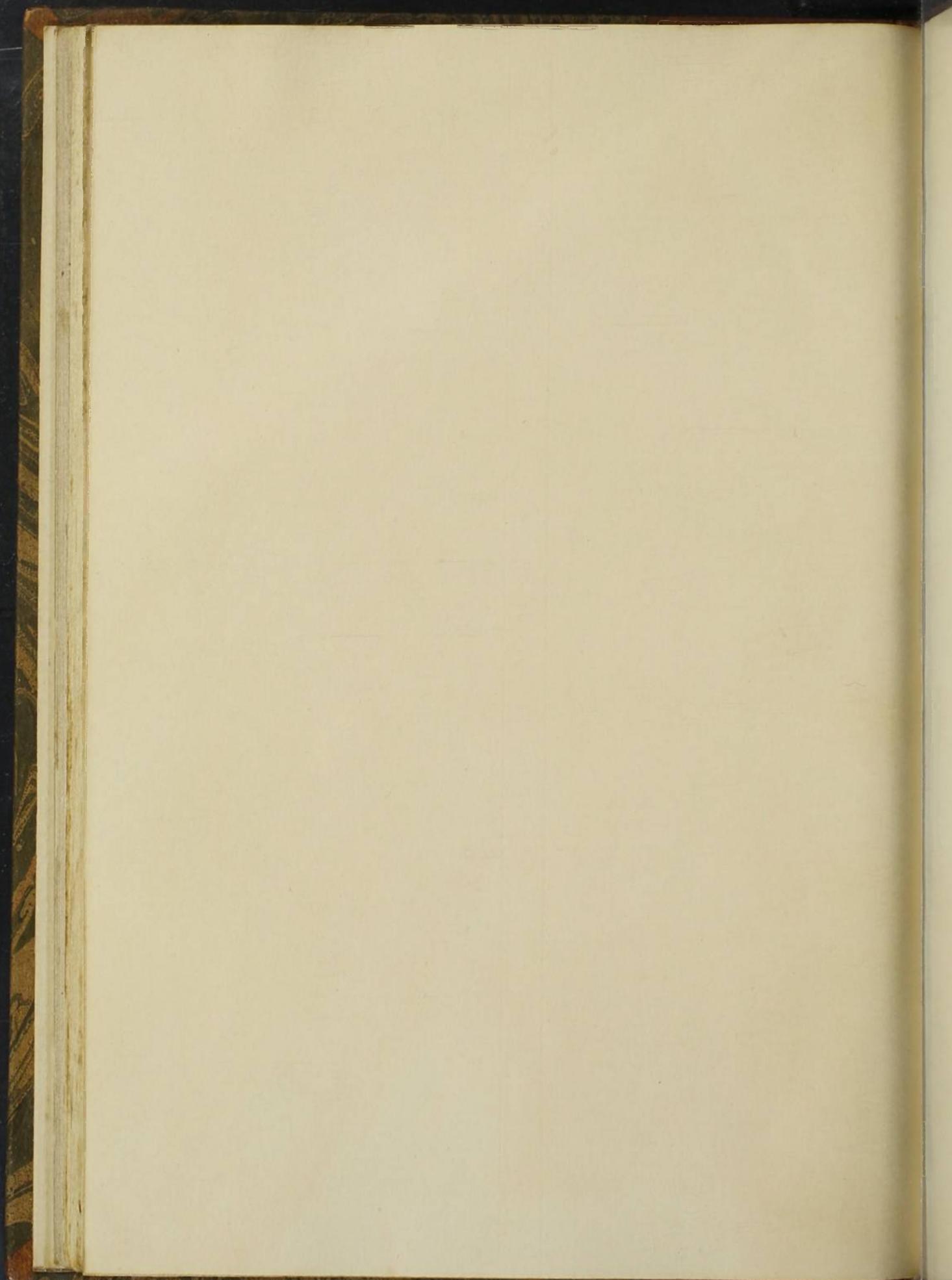
PUBLICADO :

Amor que mata—romance por V. Coaracy
Mosaico—poesia e prosa por diversos autores
Sertanejas—por Joaquim Heleodoro
Tetéyas—pelo Dr. Caetano Filgueiras
Mosaico—poesia e prosa por diversos autores
Poesias—por Pimenta de Lact

Recebem-se assignaturas trimensaes a 2\$ para a
côrte e 3\$ para as provincias, na praça da Constituição n. 78,
Loja do Canto. Numero avulso 1\$







59071

